

GEOGRAFIA E LITERATURA: A AMAZÔNIA BRASILEIRA NA VISÃO DOS LITERATOS

Fadel David Antonio Filho*

Observações Preliminares

A visão da Amazônia expressa através de obras literárias, por exemplo, no período de tempo entre o fim do século XIX até os anos 30 do século XX compõe um conjunto de idéias e valores que vinculam-se às ideologias dominantes da época. Deste modo, as concepções relacionadas com o pensamento geográfico, isto é, inseridas na consciência do espaço, também apresentam as mesmas perspectivas.

Devido aos limites deste trabalho e com o intuito de divulgar e elencar *autores significativos* (GOLDMANN, 1979 e 1967), que abordam o tema 'Amazônia', comentamos apenas uma amostragem de seis autores:

1. A Amazônia de Euclides da Cunha

A obra euclidiana sobre a Amazônia compõe-se de dezessete trabalhos entre artigos, estudos, ensaios, etc.

Antes de conhecer a Amazônia, Euclides da Cunha expressa em seu pensamento um forte determinismo geográfico (ANTONIO FILHO, 1995). Mesmo em *Os Sertões*, quando descreve o clima amazônico e as condições de adaptabilidade do homem, este é visto como um intruso, um inadaptado, um vencido.

Da fase 'pré-amazônica', temos: "*Fronteira Sul do Amazonas. Questão de Limites*" (publicado no jornal O Estado de S.Paulo em 14/11/1898). Este artigo faz um comentário do livro do mesmo título, de Manuel Tapajós, sobre a ocupação do interior do Vale do Amazonas e da epopéia da conquista e exploração daquele espaço. Foi o primeiro trabalho abordando um tema amazônico do escritor; do livro *Contrastes e Confrontos* temos os artigos: "*Contrastes e Confrontos*", trata-se de um estudo introdutório, que deu o título ao livro, no qual Euclides da Cunha avalia as contradições da civilização peruana na orla do Pacífico; "*Conflito Inevitável*", faz uma advertência às autoridades brasileiras sobre o eminente perigo de um conflito armado entre o Brasil e o Peru, em decorrência das incursões peruanas sobre a Amazônia brasileira; "*Contra os Caucheiros*", critica o envio de contingentes militares ao Alto Purus e Juruá, pelo governo brasileiro, para fazer frente a ameaça peruana. De acordo com sua visão liberal política, o propõe o caminho da diplomacia, consonante com o 'espírito de solidariedade' e o anti-belicismo, valores típicos do seu positivismo romântico; "*Entre o Madeira e o Javari*", descreve todo o processo histórico do rápido povoamento daquela área amazônica, particularmente nos últimos trinta anos.

A outra vertente amazônica, corresponde aos seus escritos produzidos após ter conhecido a região. Entre dezembro de 1904 e dezembro de 1905, Euclides viveu na Amazônia, onde exerceu a função de delegado brasileiro da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus.

* Professor Assistente Doutor - Deptº de Geografia-IGCE-UNESP-Rio Claro, SP, Brasil.

No seu conjunto, os trabalhos amazônicos de Euclides da Cunha apresentam uma evolução do seu pensamento, apesar de encontrarmos, de quando em quando, os

‘ranços’ da sua velha ideologia nas frases, nas colocações feitas e nas conclusões de idéias, que surgem eivadas de preconceitos, de determinismos e de concepções do darwinismo social. Aliás, uma das características de Euclides da Cunha é de apresentar ‘avanços’ e ‘retrocessos’ com relação a sua visão do mundo.

Entre os escritos pós-amazônicos temos: **“Os Trabalhos da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus”** (entrevista ao Jornal do Comércio, de Manaus, Amazonas, em 29 de outubro de 1905), o autor expõe as dificuldades da viagem da Comissão, detalhando a epopéia empreendida, sem esquecer relatos sobre a flora e a geologia da região percorrida; **“Entre os Seringais”** (artigo publicado na revista Kosmos, ano III, nº 1, Rio de Janeiro, janeiro de 1906), descreve a organização dos seringais do Purus e as deploráveis relações de trabalho a que estão submetidos os seringueiros; **Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus de 1904-1905** (publicado em 1906 pela Imprensa Nacional), relatório que teve sua redação final e notas complementares feitas somente por Euclides da Cunha. Organizado em ordem cronológica dos fatos, segue todo o desenvolvimento da expedição ao longo do Purus até o extremo montante; **Preâmbulo de ‘Inferno Verde’** (prefácio de Euclides da Cunha do livro de Alberto Rangel, publicado em 1907), trata-se de uma longa introdução que, afinal, é uma verdadeira obra literária dentro de outra.. Euclides apresenta um quadro geral do conhecimento sobre a Amazônia, na época; **Peru Versus Bolívia** (publicado em 1907 pela editora Alves J. Comércio, Rio de Janeiro), com base em farta documentação histórica e diplomática, de fontes coloniais espanholas e portuguesas até as mais recentes da época, Euclides da Cunha constrói sólidas argumentações para demonstrar a validade dos direitos bolivianos nas questões de limites com o Peru, na região amazônica; **À Margem da História** (editado em 1909, este livro compõe-se de quatro partes). Somente a primeira parte diz respeito à Amazônia. Com o título de **“Terra sem História (Amazônia)”**, são eles: **“Impressões Gerais”**, uma longa introdução em que o autor tece considerações sobre a Amazônia que vivenciara por quase um ano; **“Rios em abandono”**, faz um amplo estudo sobre o rio Purus e suas potencialidades; **“Um clima caluniado”**, faz uma série de considerações sobre as dificuldades de adaptação do homem na Amazônia, numa clara perspectiva darwinista social e determinista; **“Os caucheros”**, um amplo estudo crítico sobre essa sociedade extrativista surgida no sudoeste da Amazônia, abrangendo terras do Peru, Bolívia e do Brasil; **“Judas-Asvero”**, é um belo ensaio sobre o significado e o simbolismo do *Sábado de Aleluia* e da tradicional pândega de expurgo do ‘judas’ entre os seringueiros do Alto Purus; **“Brasileiros”**, apresenta uma abordagem geopolítica das intenções peruanas sobre a Amazônia e a importância da ação de brasileiros na área de fronteira naquela região; **“A Transaccreana”**, expõe suas idéias sobre a necessidade e a importância da construção de uma via férrea, a Transaccreana, unindo transversalmente os vales do Juruá, do Yaco e do Purus.

2. O ‘Inferno Verde’ de Alberto Rangel

O autor, Alberto do Rego Rangel, nasceu no Recife (PE), em 1871 e faleceu em Friburgo (RJ), em 1945. Escritor e engenheiro, trabalhou por algum tempo na Amazônia

e mais tarde foi para a Europa, onde realizou pesquisas sobre o passado histórico do Brasil, publicando inúmeros trabalhos sobre o assunto.

O livro *'Inferno Verde'*, editado em 1907 e composto de onze narrativas, apresenta um longo prefácio de Euclides da Cunha (citado acima). Rangel utiliza-se do vocabulário regional na nomeação da fauna e da flora e no uso de expressões cotidianas, sem contudo perder o sentido universal das idéias expressas.

Apesar das narrativas apresentarem conteúdos independentes, a obra compõe uma unicidade centrada na valorização da nacionalidade. O caboclo amazônico é apresentado como o cerne desta nacionalidade que, entretanto, dentro da perspectiva darwinista social do autor, será esmagado pelo avanço inexorável da civilização industrial, a sociedade dos 'brancos', tecnicamente superior e ambiciosíssima. E conforme o autor, a única saída para essa desigual luta é a miscigenação, que forjará o tipo definitivo do brasileiro que, enfim, terá o privilégio de usufruir das riquezas da Amazônia do futuro. Enquanto isso, o branco invasor, neste primeiro 'estádio' da luta naquelas paragens virgens, pagará com sofrimento, vitórias inglórias e a morte. Para esses a Amazônia é um 'inferno verde', mas será o paraíso na Terra para as raças futuras.

3. 'A Amazônia Misteriosa' de Gastão Cruls

Gastão Luis Cruls nasceu no Rio de Janeiro, em 1888, e aí veio a falecer em 1959. Escritor e médico, membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e autor de vários livros de contos e romances.

Seu romance *A Amazônia Misteriosa*, publicado na década de 20, corresponde à fase em que o autor ainda não conhecia a Amazônia. Após conhecê-la, em 1928, numa expedição do general Rondon, veio a produzir alguns admiráveis trabalhos sobre a região.

Mesmo em se tratando de uma obra de ficção, cujo autor desconhecia o cenário onde se desenrola o enredo, o livro teve boa repercussão e sucessivas edições. Isso significa que um considerável número de leitores teve acesso à Amazônia através de uma visão do mundo embasada em valores que não raro contradizem a realidade.

Narrando na primeira pessoa, o autor utiliza-se amplamente do vocabulário regionalista nas descrições da paisagem, da fauna e flora e no uso de expressões típicas da Amazônia, de modo que o livro traz, anexo, um *'Elucidário'* explicativo.

O enredo na forma de um diário, tem início no dia-a-dia de uma expedição, em algum lugar remoto do Alto Rio Negro (noroeste da Amazônia), onde o protagonista, um médico, vai descrevendo sua aventura. A expedição avança por rios desconhecidos, vence cachoeiras e 'varadouros', acampa em praias fabulosas, caça e pesca com facilidade numa floresta que, apesar de insondável, parece ser um verdadeiro paraíso terrestre. A alimentação, o abrigo, o remédio, tudo a floresta oferece abundante e com facilidade.

O meio ambiente amazônico surge em quadros estereotipados, perfeitos, ideais, numa visão romântica e ascética. A dramaticidade do enredo fica por conta do encontro com tribos indígenas ferozes e com as mitológicas amazonas, que vivem numa sociedade matriarcal, em algum lugar da selva, ainda desconhecido pela 'civilização branca'.

A descrição do índio é bem romântica e expressa uma visão rousseauiana, do homem ainda no estado natural e puro. Na visão do autor, estaria ali a verdadeira *'raça*

brasílica', ainda inviolada pelos vícios da civilização invasora daquelas paragens virgens.

4. 'Na Planície Amazônica' de Raimundo Morais

Raimundo Morais nasceu em Belém (PA), em 1875, e ali veio a falecer em 1941. Labutou por 30 anos na profissão de *'prático'* (nome dos pilotos dos barcos na Amazônia) e de comandante de *'gaiolas'* (brasileirismo que designa um tipo de navio da região amazônica). Apesar de não ter concluído os estudos formais, foi um autodidata.

Identificado com as aspirações e interesses amazônicos, Raimundo Morais contou a seu favor não só o fato de ser natural da Amazônia, onde viveu toda a sua vida, mas também a larga experiência vivenciada na imensa malha hidrográfica da região. Isto tudo credenciou-o a ter um autêntico conhecimento da Amazônia, de maneira que conseguiu expressá-lo admiravelmente nos seus escritos.

Seu ideário pode ser entendido, literariamente, como situado entre o Realismo e o Pré-Modernismo, e, geograficamente dentro de uma postura claramente *'possibilista'*, apesar de apresentar, vez por outra, algumas opiniões de cunho evolucionista-fatalista e o uso da analogia orgânica nas descrições dos aspectos físicos da paisagem, o que entendemos corresponder a uma contradição de seu pensamento.

Quanto ao livro *Na Planície Amazônica*, cuja primeira edição saiu por volta de 1926, é com certeza o mais conhecido do autor. Premiado pela Academia Brasileira de Letras, chegou a ser adotado, na época, para uso nas escolas do Pará e do Amazonas. Composto por 26 pequenas narrativas sobre os mais variados aspectos da Amazônia (hidrografia, clima, flora, fauna, populações, etc.), apresenta descrições pormenorizadas dos fenômenos naturais, sem contudo fazer uso exagerado dos vocábulos regionalistas. Esta última observação é interessante quando comparamos seus escritos com os de outros autores de temas amazônicos, particularmente dos não-naturais da região, que usam (e abusam) profusamente dos termos do vocábulo regional.

5. 'A Selva' de Ferreira de Castro

José Maria Ferreira de Castro nasceu em 1898, em Portugal, sendo considerado um dos maiores representantes da corrente realista na literatura portuguesa. Na adolescência, viveu no Brasil, precisamente na Amazônia, onde se inspirou para escrever vários romances.

Publicado em 1930, *A Selva* aproxima-se de um romance autobiográfico, já que o autor viveu na Amazônia, num seringal do rio Madeira, numa fase em que a economia borracheira já demonstrava sua decadência na região.

O livro, apresenta uma contundente crítica à desumana *'sociedade seringueira'* que havia se implantado na Amazônia há mais de um século e que, naquele momento de refluxo econômico, tornava ainda mais dramática a existência de milhares de seres humanos que compunham aquele universo. Com a concorrência da borracha do Oriente, a borracha da Amazônia deixou de ser um meio de *"elásticas fortunas"*, limitando-se agora aos sonhos e ambições. Desta forma, a vida miserável do seringueiro é relatada com toda a dramacidade e crueza..

O enredo é enriquecido com descrições sobre a paisagem natural, sobre a peculiaridade dos rios e a vida humana na Amazônia, com seus hábitos e costumes característicos. Contudo, é na exposição dos conflitos e contradições decorrentes das relações humanas, quando os sentimentos e as necessidades, os valores sociais e o poder se interagem é que a trama da história parece adquirir plena maturidade.

6. ‘Pussanga’ de Peregrino Junior

João Peregrino da Rocha Fagundes Junior nasceu em Natal (RN), em 1898. Viveu em Belém e no Rio de Janeiro. Médico, jornalista e escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, muito escreveu sobre a Amazônia.

Pussanga, seu segundo livro sobre a Amazônia, compõe-se de dez pequenos contos, nos quais procura expressar sua visão sobre a Amazônia, através dos costumes, das crenças, dos valores culturais, das relações sociais e de trabalho e da interação entre o homem e o meio. A obra é ainda complementada com um ‘*Vocabulário*’ anexo, sobre as locuções e vocábulos, dos quais o autor faz uso profusamente, ao longo do texto.

Todos os contos do livro apresentam uma contundente exploração das grandezas e fraquezas da alma simples do homem amazônico, envolvido naquele cenário exuberante e dominador de rios e florestas. Estes aspectos, que caracterizam os postulados do Naturalismo, compõem a visão do mundo do autor, que em certos momentos, apresenta também muitos traços característicos do Realismo. Como exemplo, a visão sobre o caboclo amazônico que diversas vezes é retratado de modo depreciativo. É supersticioso, fatalista e conformado.

Como cenário, o autor reproduz, provavelmente, sua própria experiência na Amazônia, de modo especial na região do chamado Baixo-Amazonas, incluindo a foz do grande rio e o arquipélago de Marajó. Sobre este imenso espaço de transição e de contrastes, onde o caudal do Amazonas esbarra com o Atlântico, há descrições geográficas expressivas, emolduradas pela sensibilidade do escritor: os mangues, os ‘furos’, a pororoca, a densidade e a cor das águas, a vegetação das matas, os ventos predominantes, o elemento humano que aí vive.

A narrativa ainda explora a vida social da cidade amazônica, com suas tragédias humanas, crimes passionais e fúteis, muitos deles envolvendo paixões e mulheres que, em alguns lugares daquelas paragens amazônicas, eram disputadas “*a tiro e a faca*”.

No conjunto, suas idéias permanecem dentro das abordagens do Naturalismo-Realismo, mesmo quando apresenta certas contradições no tocante a valores mais subjetivos.

Conclusões

Se usamos como amostragem autores que produziram trabalhos entre 1900 e 1930, sobre a Amazônia brasileira, foi com a idéia de trazer à reflexão a maneira em que eram trabalhadas as visões do mundo sobre determinada porção do espaço.

Os valores e as idéias contidas nas visões do mundo são mecanismos essenciais para criarmos na nossa mente as realidades existentes nos espaços. Isso é mais do que uma simples constatação ou um exercício intelectual. Trata-se sim, de detectar uma das mais poderosas formas de poder e manipulação do uso do espaço.

BIBLIOGRAFIA

- ANTONIO FILHO, F.D. - **A Visão da Amazônia Brasileira: Uma avaliação do pensamento geográfico entre 1900-1940**. Rio Claro, SP, IGCE-UNESP, Tese de Doutorado, 1995.
- CASTRO, Ferreira de - **A Selva**. (36ª edição). Lisboa (Port.), Guimarães Editores, 1986.
- CRULS, Gastão - **A Amazônia Misteriosa**. São Paulo, Saraiva, 1957. (Coleção Saraiva - II5).
- CUNHA, Euclides da - **Obra Completa**. Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora, 1966. (2 vols.)
- GOLDMANN, Lucien - **Dialética e Cultura**. (2ª edição). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- _____ - *Materialismo Dialético e História da Literatura*. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, I(11-12): 108-125, março/1967.
- MORAIS, Raimundo - **Na Planície Amazônica**. (6ª edição). Rio de Janeiro, Conquista, 1960.
- PEREGRINO JUNIOR - **Pussanga (Episódios e Paisagens da Amazônia)**. São Paulo, Clube do Livro, 1948.
- RANGEL, Alberto - **Inferno Verde**. (4ª edição). Tours (FR), Typographia Arrault & Cia., 1927.